

LINGUAGENS E SIGNIFICAÇÃO: ANÁLISE SEMIÓTICA DO ARTESANATO DOS PATAXÓS DO EXTREMO SUL DA BAHIA

Helânia Thomazine Porto Veronez (UNEB)ⁱ

Introdução

A pesquisa acerca das indumentárias produzidas pelos Pataxós da Bahia teve início em 2006, por meio do projeto de pesquisa *A convergência entre comunicação e arte indígena – O artesanato Pataxó como produção de linguagens e de sentidos*.

O estudo foi estruturado a luz da contribuição da teoria da Semiótica da comunicação postulada pelo norte americano Peirce, a fim de que fossem identificados e analisados os valores simbólicos atribuídos aos artesanatos indígenas produzidos pelos Pataxós do extremo sul baiano.

Para a análise da arte Pataxó dialogamos com Berta Ribeiro (1989), Godoy (2003) e Novaes (1993). Quanto ao estudo da natureza e do poder de referencialidade do artesanato foi fundamentado nas teorias de Peirce (2005), Santaella, (2000), (2002), (2005) e (2006) e Noth (2003).

Os Pataxós das aldeias do extremo sul da Bahia e a recuperação dos saberes tradicionais

A sociedade existente no território brasileiro antes da chegada dos colonizadores, no século XVI era formada por povos distintos que foram denominados índios, mas essa denominação foi dada de forma errônea, pois acreditavam que haviam chegado às índias. Entretanto, viviam no Brasil, nesse período, aproximadamente 1.000 povos indígenas, com um contingente populacional estimado de 10 milhões de pessoas. Após a invasão e conquista dos territórios indígenas pelos portugueses houve a dizimação de nações que se quer foram conhecidas. A respeito disso, Luciano expõe:

A partir do contato, as culturas dos povos indígenas sofreram profundas modificações uma vez que dentro das etnias se operaram importantes processos de mudança sociocultural,

enfraquecendo sobremaneira as matrizes cosmológicas e míticas em torno das quais girava toda a dinâmica da vida tradicional. (2006, p. 18).

Com isso, os povos nativos deixaram seu território original e foram adentrando para o centro do país, o que também ocasionou muitas batalhas entre os próprios nativos brasileiros, que anteriormente só conheciam conflitos intertribais, iniciaram conflitos interlocais, na tentativa de se estabelecer em um novo território. Os indígenas foram forçados a cruzar fronteiras internas anteriormente delimitadas, sendo que para a etnia Pataxó, os Botocudos eram um de seus principais adversários, conforme Sampaio:

É seguro que, nas vizinhanças do litoral, os Botocudo - localmente autodesignados Gren - limitavam-se ao sul e mantinham disputas com os Pataxó a altura do rio de Santa Cruz - João de Tiba - e tinham ao longo do Jequitinhonha suas principais concentrações. Limitavam-se no norte na altura do Rio Pardo, com outros bandos Pataxó e, mais para o interior, com os Kamakã. (2000, p. 125-126).

Os conflitos intertribais e interlocais não tiveram uma relevância considerada na extinção das etnias que foram exterminadas com a chegada dos não índios. E estes por sua vez além de provocarem matança com seu poderio bélico trouxeram doenças que contribuíram para a dizimação de populações indígenas. Os povos do leste brasileiro foram os primeiros que sofreram com o projeto de integração forçada e de assimilação da cultura europeia, sendo uma das formas, a escravidão e a desagregação territorial.

Diversas eram as etnias que viviam no litoral brasileiro como os Xucuru, os Fulniô, os Kariri-Xocó, os Tuxá, os Aticum, os Tapeba, os Potiguara entre outros. No extremo sul da Bahia a etnia que resistiu ao processo colonial foi a Pataxó, que apesar de se encontrar bem reduzida tanto territorialmente quanto população, esse povo tem caminhado rumo a retribalização, adotando o regime de índio como forma de recuperar parte do que perdeu culturalmente.

No sul da Bahia vamos encontrar atualmente, dezessete aldeias com aproximadamente vinte mil indivíduos que reelaboram a legitimidade da várias tradições do seu povo que foram transmitidas pelos seus pais e avós, na perspectiva de reinventarem um passado. Pois, “a imaginação não é apenas a capacidade de formar imagens na mente a partir da realidade, mas é a ‘faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade’”. (BACHELARD, 2001, p. 64).

Os Pataxós das aldeias do extremo sul da Bahia passaram a viver a partir da década de 1990 um movimento em prol da recuperação dos saberes tradicionais. Para atingir tal meta eles partem das experiências de seus antepassados, presentes na memória dos anciãos, utilizando-se de marcas identitárias que possam diferenciá-los dos demais segmentos sociais.

Na construção da identidade cultural um jogo de imagens é produzido em função da necessidade de serem identificados como índios. Nesse sentido, atualizam elementos da cultura indígena, bens simbólicos valorizados em prol do reconhecimento da etnia pelos não índios. (NOVAES, 1993).

Cada povo indígena brasileiro agiu e ainda age de maneira diferente às diversas táticas de aculturação empregadas pelas políticas de assimilação. A diversidade se faz presente na organização política das comunidades, na economia, nas manifestações religiosas, no uso da língua e nas formas de sociabilidade. Isso é o que torna cada povo, cada comunidade indígena única e diferente das demais. Thomaz acrescenta que “os grupos indígenas têm demonstrado uma grande capacidade de resistência na reelaboração contínua do seu patrimônio cultural a partir de valores próprios da sua sociedade”. (SILVA; GRUPIONI, 2004, p. 427).

Os signos retomados com vistas à afirmação étnica pela comunidade Pataxó são o awê, a língua Patxohã, a cauinagem, o vestuário, a pintura corporal e o artesanato.

Nesse sentido, empreendemos uma atitude científica diante do artesanato Pataxó, que teve como objetivo compreender como este signo não-verbal se estrutura em sistema de comunicação e o seu funcionamento como linguagem.

Na produção e comercialização do artesanato há o estabelecimento de comunicações, em que de um lado tem-se o produtor da mensagem – o artesão que deseja ser notado, esse se utiliza da arte como um canal, e do outro, o consumidor – o que ao adquirir um objeto levará consigo a mensagem ali representada. Entre esses dois interlocutores está o canal de comunicação, isto é, a produção cultural, representada por um artesanato ou artefato indígena.

Para o estudo da mensagem do signo não-verbal adotou-se a Semiótica como ciência, pois esta permite que o pesquisador penetre no próprio movimento interno das mensagens, no modo como elas são engendradas, nos procedimentos e recursos nelas utilizados. (SANTAELLA, 2005). O que tem possibilitado a participação ativa do

pesquisador na vida da comunidade e nos sistemas de comunicação, articulados por múltiplos códigos.

Simões (2001) afirma que a Semiótica contribui na operação com os signos não-verbais, possibilitando que a linguagem possa ser encarada como faculdade que permeia o conhecimento e as formas de conhecer, o pensamento e as formas de pensar, a ação e os modos de agir, como produto e produção cultural nascidas das práticas sociais.

Partindo do princípio de que o artesanato Pataxó se configura como uma expressão cultural, social e política, portanto carrega as três propriedades que o habilita a agir como signos: as qualidades, sua existência e seu aspecto de lei. Segundo Peirce: “qualquer coisa que conduz alguma outra coisa (seu interpretante) a referir-se a um objeto, de modo idêntico, transformando-se o interpretante, por sua vez, em signo, e assim, sucessivamente ad infinitum”. (2005, p. 74).

As categorias delimitadas para o estudo do signo foram: (a) o signo em si mesmo – o seu poder para significar; (b) o que ele indica ou representa e (c) as possibilidades de interpretação do signo. Pois, o artesanato como um signo cultural carrega marcas deixadas pela história, pela relação de trabalho, pela técnica e pelo sujeito que o produz.

A partir da eleição das categorias foram investigadas as seguintes questões: - Que sistema de ideias é veiculado por meio da produção, exposição e comercialização dos artesanatos? – Que compreensões são apresentadas pelos Pataxós em relação aos valores atribuídos aos seus artesanatos?

Considerando que a semiótica peirciana está alicerçada na fenomenologia, estudamos os signos, partindo das tricotomias: primeiridade (a relação que o signo tem com ele mesmo), secundidade (a relação do signo com seu objeto) e terceiridade (a relação que mantêm com seu interpretante).

Nessa pesquisa observamos e analisamos o artesanato Pataxó a partir dessas tricotomias que são subdivididas em: (a) quali-signo, sin-signo e legi-signo; (b) ícone, índice e símbolo e (c) rema, dicente e argumento.

Quanto à apreensão do signo pelo intérprete levamos em consideração os três elementos formais e universais categorizados por Peirce: (i) a Primeiridade que é um pensamento imediato, em sua pura qualidade de ser e sentir, a (ii) Secundidade que é a

dúvida, o espaço de confronto, da ação e da reação e (iii) a Terceiridade que é a reflexão, a tradução de um pensamento em outro pensamento. Ao significar, estes três estados da mente estão interligados e em contínuo processo de interação.

O poder sugestivo, indicativo e representativo do cocar indígena Pataxó

Para a explicitação do potencial comunicativo do artesanato deve-se olhar para a materialidade do signo como parte do universo a que o signo existencialmente pertence. Nesse sentido, a arte étnica deve ser apreendida atentando-se para o momento histórico em que o sujeito se encontra, as regras e as normas que vinculam a prática da arte.

O intérprete ao se deparar com um signo, neste caso, com um adorno indígena a primeira espécie de olhar é aquela atentando-se apenas para o seu aspecto qualitativo. O quali-signo que é uma qualidade sígnica imediata, traduzida pelas cores das sementes, das plumagens, pelo formado, a mistura e combinação de cores e matérias presentes na composição de cada peça artística. E o artesanato Pataxó quanto ao seu aspecto icônico é atraente, as peças são coloridas, efeito provocado pelas sementes coloridas e pelas plumagens de várias cores.

As cores eleitas são as vermelhas, amarelas e verdes; cores quentes, sugerindo para os intérpretes a vitalidade, força, energia e alegria. A escolha do design e do material é eficaz, pois entra em concordância com as cores presentes na flora da mata Atlântica, indicando de onde são originados os seus produtores. Estas escolhas têm adicionado a esses adereços uma maior apreciação pelos não índios.



Foto 1 - Cocar produzido pelos Pataxós da Aldeia da Jaqueira – Porto Seguro (BA)

O fato de a arte indígena ser apreciada por sua iconicidade tem provocado mudanças no *design* das peças e na escolha da matéria prima. Este fenômeno tem provocado também alteração na organização social da aldeia, pois todos sabem fazer artesanatos, no entanto só a produção de alguns tem maior aceitação e são consumidas pelos não indígenas. Nesse sentido, as marcas pessoais de cada artesão têm deixado de serem sinalizadas, e os que querem ser incluídos no mercado tem buscado “aperfeiçoar” o seu jeito de produzir o artesanato. Uma homogeneização do artesanato compelida pelos olhares externos, e as marcas identitárias de quem o produzia são suplantadas por um estilo a ser seguido. O artesanato dos Pataxós das aldeias Barra Velha e Coroa Vermelha.

Outra força que atua na modificação do artesanato Pataxó são as referências deixadas pelos consumidores que vão à aldeia, essas operam sobre o quali e o sin-signo. Para os não indígenas as peças devem ser dotadas de beleza, ter um design moderno, precisam também ser portáteis, duráveis e com os preços compatíveis aos brincos, colares e pulseiras vendidos nas feiras pelos hippies e nas lojas de bijuterias das cidades.

O valor mercantil da produção é que tem determinado a sua qualidade, e em atendimento a avaliação dos consumidores, os brincos, colares e pulseiras são modificados para que fiquem mais baratos. O esforço, a criatividade e o tempo empregado na confecção do artesanato não são mais considerados, pois estão suscetíveis à “lei da oferta e da procura”.

Nesse processo de interlocução, o simbolismo, o significado intrínseco e hermético não é transmitido e poderá se submergir. A mensagem que os adornos portam cuja decodificação é de conhecimento de membros da comunidade não tem encontrado nos visitantes o desejo de conhecer. Assim, o valor simbólico que cada adorno carrega, por meio dos interpretantes que o constituem, tem sido ignorado por quem consome.

O artesanato como signo tem como sistema de codificação o processo de criação artística, a técnica, os materiais utilizados. Estes interpretantes estão imbuídos de significados e também devem ser interpretados. Nesse sentido, quanto mais perto o intérprete se aproxima do signo maior será a sua possibilidade de analisá-lo, chegando ao seu potencial argumentativo.

Dentre os artesanatos indígenas elegemos um signo – os cocares para um estudo comparativo, atentando-se para a iconicidade, as referências construídas a partir dos índices neles presentes e o que simboliza a indumentária.

Quanto aos intérpretes deste signo foram consideradas as leituras dos artesãos e dos consumidores a partir de duas amostras: (1) os cocares confeccionados e usados pelos Pataxós de Cumuruxatiba – Prado (BA), no período de 2000 até 2006 e (2) os cocares utilizados pelos referidos Pataxós a partir de 2006 até o tempo presente.

Tradicionalmente os cocares confeccionados pelos Pataxós de Cumuruxatiba – Prado (BA) possuía formato piramidal, a base da pirâmide era composta por uma esteira feita de hastes de bambu, as hastes eram cortadas do mesmo tamanho, aparelhadas e amarradas com barbante. A parte superior do cocar era enfeitada com plumagens de galinhas, organizadas de forma que as maiores ocupassem o centro e as demais distribuídas em ordem decrescente.



Foto 2 – Cocar Produzido pelos Pataxós de Cumuruxatiba – Prado (BA), registro feito em 2004

Comumente os cocares apresentados na mídia e nos livros didáticos são recortes, um adorno de determinada etnia que é apresentado como universal. As indumentárias divulgadas em sua maioria são de povos indígenas do norte e centro oeste do Brasil.

Na concepção dos brasileiros os cocares considerados como legi-signos tem o mesmo formato, o exemplar considerado como cocar indígena são os usados por povos que não passaram pelo processo de integração e assimilação cultural como os indígenas da Bahia.

Em função desses olhares e apreciações, os Pataxós substituíram o modelo de cocar que era adotado por eles. Atualmente, os adornos usados nas vivências nas aldeias

trazem indícios que fazem referência aos confeccionados e usados por povos do Parque Indígena do Xingu.



Foto 3 - Cocar Produzido pelos Pataxós de Cumuruxatiba – Prado (BA), registro feito em 2009.

Na adoção de indumentárias que rompem com a tradição o que se pode prever é que a estética da cultura material indígena Pataxó irá se modificar ao ponto de se distanciar do que era considerado adorno genuinamente Pataxó. E a recuperação de seu status de legi-signo está condicionada aos valores atribuídos pelos não indígenas que avaliam a arte índia, a partir de suas características icônicas, tendo como referência as divulgadas pelos meios de informação e comunicação.

Em função da apreciação de seus artesanatos os Pataxós têm assumido o papel de construtores de um cenário, reforçando as ideologias presentes do que é ser indígena. A estratégia adotada é transplantar signos de outra etnia na comunidade, cria-se a ilusão de que o emissor da mensagem se encontra na mensagem veiculada pelo signo ou que nela está representado, a fim de provar a indianidade. Portanto, usar cocares com um novo design tem sido o comportamento adotado pelas comunidades para reafirmarem que são indígenas.

Como se percebe na imagem nº 3 os cocares são confeccionados com plumagem de aves. Quando não encontram as plumas de aves, usa de galinha, tingindo as plumagens, sugerindo que são de aves da mata atlântica, cerrado ou do pantanal.

Sob o ponto de vista qualitativo-icônico os novos cocares atendem as expectativas dos indígenas e não índios, pois as cores adotadas verde, amarelo e vermelho simulam penas de araras, transmitem a mensagem de que aquele adorno é verdadeiramente indígena. As cores eleitas para a composição do adorno são classificadas como cores quentes, simbolicamente sugerem energia, força e poder.

O novo signo tem forma de círculo, no centro da coroa de penas coloridas, em destaque encontra-se uma pena branca, provocando efeitos, como luminosidade e contraste, assim as penas de cores amarelas são evidenciadas, aludindo à imagem de raios do sol.

A criação do simulacro pelos Pataxós, por meio de signos que são considerados pelos não índios como símbolo de indianidade, tem sua motivação nas concepções de identidade e etnias cristalizadas. A identidade indígena ainda é abonada pelos símbolos apresentados nos veículos de comunicação, como se todas as etnias vivenciassem a indianidade de uma única maneira. A imagem de um índio genérico e estereotipado é a que foi construída ao longo de nossa história e ainda se mantêm.

As análises semióticas do artesanato possibilitaram inferir que os Pataxós elegem os signos que afiançam a identidade cultural indígena e para a escolha destes levam em consideração os efeitos que eles provocam nos não índios. Consequentemente os artesanatos que não conseguem gerar um sentimento, uma ação e a elaboração de um argumento favorável acerca da identidade dos Pataxós nos não índios são alterados, reconstruídos ou substituídos por peças de povos indígenas de outras regiões.

O artesanato em relação aos seus interpretantes, as suas propriedades icônicas e indiciais têm sido valorizados pelos próprios indígenas em detrimento dos valores simbólicos presentes neste signo.

Assim, inferimos que a estética da cultura material indígena Pataxó só ganhará permanência quando os consumidores passarem a valorizar os adornos a partir de outros critérios como o seu valor mítico e também, quando os próprios Pataxós perceberem a função que os adornos e demais objetos desempenham nas cerimônias e nos mecanismo de reafirmação étnica.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *O Direito de Sonhar*. S.P:USP, 2001.

LUCIANO, G. dos Santos. O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil hoje. Brasília: MEC; UNESCO, 2006.

NORT, W. **Panorama da Semiótica**: de Platão a Peirce. São Paulo: Annablume, 2003.

NOVAES, Silvia Caiuby. **Jogo de espelhos**: imagens da representação através dos outros. São Paulo: USP, 1993.

PIERCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SAMPAIO, José Augusto Laranjeiras. **Breve história da presença indígena no extremo sul baiano e a questão do território Pataxó do Monte Pascoal**. XXII Reunião Brasileira de Antropologia. Fórum de Pesquisa 3: “Conflitos Socioambientais e Unidades de Conservação”. Brasília, 2000

SANTAELLA, L. **Imagem – cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras LTDA, 2005.

SANTAELLA, L. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SANTAELLA, L. **O que é Semiótica**. 23 reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SIMÕES, D. A formação em letras a luz dos parâmetros curriculares nacionais: códigos e linguagens. In: AZEREDO, J. C. (org.). **Língua portuguesa em debate**: conhecimento e ensino. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SILVA, Aracy Lopes da & GRUPIONI, Luís Donisete Benzi.(orgs). *A temática indígena na escola*: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. 4. ed. São Paulo: Global: Brasília: MEC: MARI: UNESCO, 2004.

ⁱ Professora da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, do Departamento de Educação - Campus X. Leciona nos cursos de Letras e Pedagogia os componentes curriculares: Semiótica, Língua e Cultura Indígena e Trabalho de Conclusão de Curso. Desenvolve projeto de pesquisa em Educação, arte e cultura indígena. Membro do grupo Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens – GEICEL e do conselho editorial da revista eletrônica do Curso de Letras, disponível no site: <http://www.ling-e-lit-campus-x.com/grupo-de-pesquisa/>. Contatos: hveronez@uneb.br.

SOBRE O LIVRO

Título: Linguística e ensino de Língua Portuguesa

Autores: Vários

Páginas: 166

ISBN: 978-85-8305-035-3

Formato: 155 x 230 mm

Mancha: 110 x 185 mm

Tipologia: Arno Pro 12/14

Papel: Pólen soft 80 g/m² (miolo)

Cartão: tríplex 250 g/m² (capa)

1ª edição: setembro de 2014

Como Citar: PORTO, H. T. LINGUAGENS E SIGNIFICAÇÃO: análise semiótica do artesanato dos Pataxós do extremo sul da Bahia. In: BARZOTTO, Valdir Heitor et al. **Linguística e Ensino de Língua Portuguesa**. Adriana Santos Batista, Aline Maria dos Santos Pereira, Celso Kallarrari [Organizadores]. São Paulo: Opção Editoras, 2014.